

Aspectos paleográficos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX

Elias Alves de Andrade*

RESUMO: O presente artigo apresenta estudo filológico de documentos manuscritos – Ms 1, escrito em Vila Rica-MG, em 28/11/1722, e Ms 2, escrito em Cuiabá-MT, em 09/11/1822, quanto a aspectos paleográficos tendo por suporte suas edições fac-similar e semidiplomática.

PALAVRAS-CHAVE: Língua portuguesa; filologia; paleografia; edições.

1. Introdução

Os objetivos deste artigo são os de, tendo-se por referência a ciência da paleografia, proceder-se à análise dos manuscritos Ms 1, escrito em Vila Rica-MG, em 28/11/1722, e Ms 2, escrito em Cuiabá-MT, em 09/11/1822, com Transcrições 1 e 2 respectivas em anexo, precedida de breve história e explicitação de princípios que a norteiam, entendida como propiciadora de instrumentos necessários às demais ciências como a História, a Filologia e a Linguística, dentre muitas outras.

2. Paleografia

Definida etimologicamente pelo grego *palaios*, antigo, e *graphien*, escrita, paleografia é a ciência que estuda a escrita antiga (Dias e Bivar, 2005, p. 12), observando-se, além dos aspectos da escrita antiga usada no Egito, Ásia, Grécia etc., também a dificuldade de leitura que acarretam “pelo fato da escrita antiga apresentar caracteres diferentes dos da escrita atual” [sic] (Acioli, 2003, p. 5).¹

* Universidade Federal de Mato Grosso – elias@ufmt.br.

¹ A paleografia constitui-se como ciência bastante relevante para a crítica textual, uma vez que auxilia na fixação da forma genuína de um texto para o que precisa-se decodificar a escrita em que seus testemunhos são lavrados (Cambraia, 2005, p. 23-24).

Spaggiari e Perugi (2004, p. 17), para quem a paleografia é uma disciplina complementar à codicologia, entendem que aquela “tem como fim o estudo dos caracteres gráficos antigos”, nisto concordando com Acioli (2003, p. 5), que, mais precisamente, a define como

a ciência que lê e interpreta as formas gráficas antigas, determina o tempo e o lugar em que foi escrito o manuscrito, anota os erros que possa conter o mesmo, com o fim de fornecer subsídios à História, à Filologia, ao Direito e a outras ciências que tenham a escrita como fonte de conhecimento.

Por sua vez, Blanco (1987, p. 13) define paleografia como “a ciência que ensina a ler corretamente toda a classe de documentos manuscritos ou impressos, abordando também a origem e evolução da escrita”.

Cambráia (2005, p. 23), contudo, embora entenda a paleografia como o “estudo das escritas antigas”, afirma que, modernamente, ela tem finalidade tanto teórica quanto pragmática. Teórica, porque expressa a “preocupação em se entender como se constituíram sócio-historicamente os sistemas de escrita”; pragmática, já que visa à “capacitação de leitores modernos para avaliarem a autenticidade de um documento, com base na sua escrita”, além de interpretar de maneira adequada as escritas antigas.

Aproximadamente na mesma direção dos autores anteriormente citados, Spina (1977, p. 18) assegura que a paleografia é “o estudo das antigas escritas e evolução dos tipos caligráficos em documentos”, em material perecível, papiro, pergaminho e papel. De forma semelhante, Azevedo Filho (1987, p. 17) afirma ser a paleografia “voltada para o estudo gráfico de textos antigos [...] escritos em material perecível, como o papiro, o pergaminho e o papel”.²

De acordo com Dias e Bivar (2005, p. 14), as origens dos estudos paleográficos remontam à Idade Média, por ocasião da Guerra dos Trinta

² Spina (1977, p. 17-22) faz distinção entre:

- a) Memória – objeto ou artefato *desprovido de inscrição*: coluna, pirâmide, edificação;
- b) Monumento: objeto ou artefato feito de material duro, *com inscrição*:
 - b.1) Numária – estudo das moedas;
 - b.2) Numismática: estudo de medalhas, hoje também de moedas;
 - b.3) Lapidária: estudo das inscrições; e
- c) Documento: objeto ou artefato feito em material mole, *com inscrição*: papiro, pergaminho e papel.

A *epigrafia* é a ciência que estuda os monumentos e a *paleografia*, os documentos.

Anos (1618-1648) entre protestantes e católicos, quando teria ocorrido falsificação de documentos de posse ou propriedade sob litígio.

Cambraia (2005, p. 23) informa que a paleografia, “como campo de conhecimento sistematizado, costuma ser situada no século XVII”, e foi estabelecida pelo Jesuíta Daniel van Papenbroeck (1628-1714), que, por ter-se deparado, em viagem pela Europa, com muitos documentos falsos, escreveu a obra *Propylaenum Antiquarium circa Veri ac Falsi Discrimen in Vetustit Membranis*, na Antuérpia, em 1675, em que apresenta critérios para distinguir documentos falsos de verdadeiros.

O monge beneditino Jean Mabillon (1632-1707), a propósito de críticas de Papenbroeck sobre documentos da Abadia de Saint-Denis, escreve a obra *De Re Diplomatica Libri III*, em Paris, em 1681, “em que avança ainda mais na investigação dos tipos de escrita”, continua Cambraia (2005, p. 23), para quem a paleografia se solidifica como ciência apenas em *Paleographia Graeca Sive de Ortu et Processu Litterarum Graecarum*, escrita em Paris, em 1708, pelo beneditino Bernard de Montfaucon (1655-1741).

De acordo com Dias e Bivar (2005, p. 17-18), os estudos paleográficos no mundo ocidental podem ser divididos, desde sua origem, em três períodos de análise:

- a) Paleografia Antiga ou Greco-romana – do século V a.C. ao século VII d.C.;
- b) Paleografia Medieval – do século VIII d.C. ao século XV d.C.; e
- c) Paleografia Moderna – do século XVI ao século XIX.

Para que se proceda a comentários de natureza paleográfica a propósito da edição de um texto, a exemplo do que se propõe fazer aqui com as edições fac-similar e semidiplomática dos manuscritos Ms 1 e Ms 2, Cambraia (2005, p. 24) indica que deverem ser abordados os seguintes aspectos:³

- a) classificação da escrita, localização e datação;
- b) descrição sucinta de características da escrita, a saber: a *morfologia das letras* (sua forma), o seu *traçado* ou *ductus* (ordem de sucessão e sentido dos traços de uma letra), o *ângulo* (relação entre os traços verticais das letras e a pauta horizontal da escrita), o *módulo* (dimensão das letras em termos de pauta) e o *peso* (relação entre traços finos e grossos das letras);
- c) descrição sucinta do sistema de sinais abreviativos empregado na referida escrita;

³ Acioli (2003, p. 7-63) aborda, também em detalhes, estes aspectos: superfícies, tintas e instrumentos utilizados na escrita, sua origem, evolução e tipos, sinais braquigráficos (abreviaturas) e estigmológicos (pontuação e acentuação). Também tece comentários sobre a escrita dos séculos XVIII e XIX, informando que a escrita cursiva, que forma um conjunto com características muito próximas nesse período, possui pontos de diferenças paleográficas importantes em relação à cursiva moderna.

- d) descrição dos outros elementos não-alfabéticos existentes e de seu valor geral: números, diacríticos, sinais de pontuação, separação vocabular intralinear e translinear, paragrafação, etc.;
- e) descrição de pontos de dificuldade na leitura e as soluções adotadas.

3. Comentários paleográficos dos manuscritos Ms 1 e Ms 2

3.1. Tipos de letras

Os documentos identificados como Ms 1 e Ms 2, editados nas formas fac-similar e semidiplomática em anexo, são manuscritos produzidos por mãos hábeis. Isso equivale a dizer que os escribas, embora pudessem ser apenas escritas, fixando na escrita a vontade do verdadeiro autor, eram eles próprios os autores, como no caso dos dois manuscritos sob análise, constituindo-se de pessoas letradas, tendo, por ofício ou formação, provavelmente sido submetidos à instrução formal.

Assim, produziram escrita regular quanto ao traçado das letras, homogeneidade de seu tamanho, sem borrões ou rasuras, respeito à pauta e às linhas imaginárias, regularidade na inclinação da escrita, quase sempre à direita, uniformidade na margem direita do fólio, sempre maior quando *recto*(r), e na margem esquerda, sempre menor quando *verso*(v.), dentre outras características.

Foi utilizada a escrita humanística ou italiana (Spina, 1977, p. 35), com tipo de letras cursivas, caracterizadas por serem corridas, traçadas na maioria das vezes sem descanso da mão, nos dois documentos, apresentando muitas vezes nexos entre si, o que leva, por terem um traçado livre, a uma maior dificuldade de leitura em algumas situações, caracterizando-se o que é chamado de “*littera epistolaria*”.⁴

Acioli (2003, p. 62) afirma que os tipos de letras utilizados no Brasil nos séculos XVIII e XIX, o que é o caso dos manuscritos sob análise, formam um único conjunto, diferindo muito pouco daqueles utilizados atualmente. Essas diferenças paleográficas vão se confirmar nos citados manuscritos, conforme se pode verificar a seguir:⁵

⁴ A indicação entre parênteses, após a palavra ou frase, identifica o manuscrito e o número da linha de ocorrência no documento.

⁵ Serrão (1971, p. 296) afirma que as letras podem ser classificadas como encadeadas, formando uma “espécie de cadeia contínua, com raras separações de palavras e aspecto aparentemente de uniformidade indissolúvel [...]”.

| | | | | |
|----------|--|----|--|--------------|
| Ms. 1, 4 | | ss | | essa |
| Ms 1, 5 | | h | | homé |
| Ms 1, 13 | | r | | recado |
| Ms 1, 13 | | Z | | Cardozo |
| Ms 1, 9 | | z | | dezejo |
| Ms 2, 22 | | z | | dez |
| Ms 2, 7 | | ss | | remettesem |
| Ms 1, 15 | | u | | favorecer |
| Ms 2, 14 | | v | | providencias |

Além disso, foram detectadas nos documentos em análise as letras ramistas, assim chamadas em razão do nome do humanista francês, do século XVI, Petrus Ramus ou Pierre de la Ramée (1515-1572), que as propôs em razão de “os escribas da Idade Média, tanto quanto os latinos, não distinguem I e J e U e V”. (Higounet, 2003, p. 105).

Os exemplos a seguir ilustram a situação de dúvida do escriba, ainda nos séculos XVIII e XIX:

| | | |
|----------|--|-----------|
| Ms. 1, 5 |  | Janeiro |
| Ms 1, 10 |  | Joam |
| Ms 2, 4 |  | Junta |
| Ms 1, 6 |  | Leuou |
| Ms 1, 12 |  | fauor |
| Ms 1, 15 |  | fauorecer |

Deve-se observar que qualquer classificação de tipos de letra, como no caso dos documentos aqui em análise, sendo o Ms 1, de 1722, e o Ms 2, de 1822, é uma tarefa árdua, principalmente quando se trata de *corpus* extenso, pois não raro a grafia sofre influências de características pessoais dos autores dos textos.

Nota-se, também, no *corpus* citado, a existência de diferentes realizações de grafia de uma mesma letra, devido, talvez, ao que Samara (2005, p. 18) define como escrita de pouco cuidado do século XVIII, caligrafia que mesclava traços da chamada escrita de formas gráficas elegantes e uniformes até meados do século XIX, resultando, então, na escrita cursiva atual.⁶

3.2. Características ortográficas

A ortografia portuguesa, segundo Coutinho (1976, p. 71-80), tem sua história marcada por três períodos: o *fonético*, o *pseudo-etimológico* e o *simplificado*. Gonçalves (2003, p. 40), por sua vez, afirma existirem quatro tipos de sistema ortográfico: *etimológico*, *misto*, *filosófico* e *simplificado*.

⁶ Cf. Samara (2005, p. 18) para maiores informações a propósito da escrita.

O período fonético, que coincide com a fase arcaica do português, que vai desde os primeiros documentos até o século XVI, é caracterizado por uma busca de facilitação da leitura, aproximando a escrita, na medida do possível, à língua falada. “A língua era escrita para o ouvido” (Coutinho, 1976, p. 71). Nesse período, chamado de filosófico por Gonçalves (2003, p. 40), tendo como um dos representantes Luís Antonio Verney, busca-se “restabelecer a biunivocidade entre a oralidade e a escrita”.

O período pseudo-etimológico se inicia no século XVI indo até 1904, quando Gonçalves Viana publica a *Ortografia nacional*. É influenciado pelo Renascimento, com a redescoberta dos escritores clássicos gregos e romanos, e leva a escrita a submeter-se à influência etimológica, capitaneada pelos pseudo-etimologistas que, retornando à origem do vocábulo em latim, restabeleceram letras há muito em desuso. Nesse período, conviveram “várias ortografias, dado que a etimologia [...] era uma ciência que dependia, em grande parte, da fantasia de cada escritor”, segundo Coutinho (1976, p. 71).

O período etimológico, de acordo com Gonçalves (2003, p. 40), é “plasmado na recuperação da representação gráfica dos étimos”. Esse período é marcado principalmente pela publicação, em 1734, de *Orthographia ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a Língua Portuguesa*, de João de Morais Madureira Feijó.

O sistema misto, na opinião de Gonçalves (2003, p. 40), constitui-se da convergência de vários princípios, “como a etimologia e a pronúncia, podendo verificar-se versões mais ou menos fortes de etimologia, de grafias históricas, de adoção de grafias fonéticas, ou de sujeição ao uso” [sic]. Dentre seus principais representantes estão Francisco Félix Carneiro Souto-Maior e Francisco Nunes Cardoso.

Após 1904, com a publicação, como assegurado anteriormente, da *Ortografia nacional*, por Gonçalves Viana, foram estabelecidos dois sistemas simplificados: o *português* e o *luso-brasileiro*. Vários princípios ortográficos foram definidos de maneira a buscar-se uniformidade de escrita, por um lado, mas também, a simplificação da ortografia, por outro.

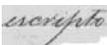
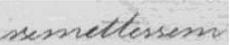
Segundo Santiago-Almeida (2000, p. 181), apesar dos acordos na busca de unificação ortográfica do português,

[...] a ausência de uma norma de fato para a escrita fez com que, principalmente no século XVIII, se apresentasse uma grafia variável, oscilante, emergindo ainda traços da modalidade oral, resquícios da fase da ortografia fonética, própria do período arcaico, em que os textos, segundo Maia (1986, p. 302), revelavam freqüentes situações de polivalência e de poligrafia.

De fato, na análise dos manuscritos Ms 1 e Ms 2, podem ser percebidos traços de oralidade, exemplo de provável resquício da fase da ortografia fonética, ou da fala, como em:

| | | |
|---------|---|------|
| Ms 1, 5 |  | homé |
|---------|---|------|

Há, também, ocorrências da fase ortográfica do chamado período pseudo-etimológico como em:

| | | |
|----------|---|------------|
| Ms 1, 14 |  | pello |
| Ms 1, 19 |  | Maior |
| Ms 2, 4 |  | escripto |
| Ms 2, 6 |  | officio |
| Ms 2, 7 |  | Protecção |
| Ms 2, 7 |  | remettesem |
| Ms 2, 10 |  | ahi |

Registram-se, além disso, ocorrências de poligrafia, demonstrando dúvida por parte do escriba quanto a que grafema usar em relação a **z** ou **s**, ou às letras ramistas **I** ou **J**, como em:

| | | |
|----------|---|-------|
| Ms 2, 4 |  | Iunta |
| Ms 2, 36 |  | Junta |
| Ms 2, 17 |  | José |
| Ms 2, 28 |  | Iozé |

Assim, quanto às características ortográficas da escrita, no *corpus* em estudo, verifica-se o uso de:

- a) letras dobradas: **r**, **s**, **f**, **l** e **t**, como em: encarregado (Ms 2, 10), *Vassas* (Ms 2, 13), officio (Ms 2, 6), *Villa* (Ms 1, 17) e remettessem (Ms 2, 7);
- b) **h** no advérbio ou no artigo indefinido, como em: hum (Ms 1, 4), huá (Ms 1, 6) e ahi (Ms 2, 10);
- c) **am**, em vez do ditongo decrescente **ão**, atual, como em: Leytam (Ms 1, 5) e Ioam (Ms 1, 10);
- d) **io** e **ae**, ditongos, em vez de **iu** e **ai**, respectivamente, como em: fogio (Ms 1, 4), induzio (Ms 1, 7), maes (Ms 1, 14) e façaes (Ms 1, 15);
- e) **y**, formando ditongo **ey**, como em: Teyxeira (Ms 1, 10);
- f) **u** por **v**, como em: Leuou (Ms 1, 6), fauorecer (Ms 1, 9-10) e fauor (Ms 1, 12).

Além disso, vale ressaltar que, embora se tenha, segundo Acioli (2003, p. 62-63), que o **r**, de **recado** (Ms 1, 13), seja minúsculo, constata-se em **Villa Rica** (Ms 1, 13), nome próprio, que o “significado” é, de fato, de maiúscula, demonstrando insegurança do escriba quanto a que forma usar, o que não ocorre quanto ao **R**, de **Rodrigo** (Ms 1, 21), que é maiúsculo. Destaque-se também a presença no *corpus* do **r** “martelo”, segundo informação verbal do Prof. Heitor Megale, como em **remettessem** (Ms 2, 7).⁷

O **s**, entretanto, é o grafema que mais apresenta dificuldade de classificação em maiúsculo ou minúsculo, dadas as várias dimensões de ocorrências nos manuscritos. Assim veja-se:

Em **Senbor** (Ms 1, 3), tem-se a forma de letra maiúscula, com “significado” de minúscula, em início de palavra, ao passo que em **Salvador** (Ms 1, 4),

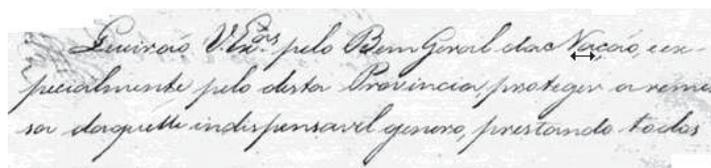
⁷ Cf. Andrade (2007a, p. 317).

nome próprio, a forma e o “significado” são de maiúscula, também em início de palavra. Entretanto em **Ser** (Ms 1, 10), em início de palavra, há dúvida se a forma é minúscula ou maiúscula, apesar de o “significado” poder ser de minúscula.

Além do mais, também persiste dúvida dos escribas quanto ao uso de **s** ou **z**, no meio ou no final de palavra, como em: **caz<a>** (Ms 1, 7), **Iose** (Ms 2, 37), e **Iozé** (Ms 2, 45).

3.3. Dimensão das letras

A dimensão das letras, considerando-se as capitais maiúsculas e as minúsculas, determina em parte o grau de legibilidade do texto. Mesmo que possuam traços que denotam um maior cuidado quanto à aparência do documento, letras com hastes superiores e inferiores com pequenos rebuscamentos, não obstante, não prejudicam a leitura do manuscrito, uma vez que tais traços dificilmente avançam os limites da pauta posterior, como no Ms 2, de 1822, linhas 24-26, a seguir:



Queirão Vossas Excellencias pelo Bem Geral da Nação, e especialmente pelo desta Provincia, proteger a remessa daquelles indispensavel genero, prestando todos

No excerto há certa padronização e clareza nos traços da escrita cursiva, além da inclinação do traçado das letras, à direita, característica esta freqüente em documentos produzidos por amanuenses de mãos hábeis, como é o caso. O traçado das letras é, por isso, bem cuidado, com hastes e linhas regularmente inclinadas, atribuindo elegância ao texto, além de ser marcado por pressão constante do instrumento sobre a *matéria scriptoria*, não havendo borrões nem excesso desigual de tinta nas hastes das letras, ao contrário que ocorre com o Ms 1, de 1722, provavelmente também em razão da melhor qualidade do papel, da pena e da tinta disponíveis à época.⁸

⁸ De acordo com Beck (1985, p. 7-8), entre 1809 e 1810, instalou-se a primeira fábrica de papel no Brasil, no Andaraí Pequeno, Rio de Janeiro, seguindo-se outras, em 1837 e 1852.

Por outro lado, observe-se o excerto do Ms 1, de 1722, linhas 03-05, a seguir:



Meu amigo, e meu *Senhor* muito do meu co-
raçãõ. Para essa capitania fogio hum *Salvador* *Car-*
dozo *Leytam natural* do Rio de *Ianeiro* homé de meya

Diferentemente do Ms 2, de 1822, linhas 24-26, anteriormente analisa-
do, o Ms 1, de 1722, embora também apresente características grafemáticas,
como uso de letra cursiva, mãos hábeis do escriba, regularidade do padrão da
escrita, com certa inclinação à direita, e respeito à pauta e às margens, possui
marcante rebuscamento no traçado das letras, não apenas das capitais maiúscu-
las como também das minúsculas, com hastes longas nas quais observa-se
algum excesso de tinta.

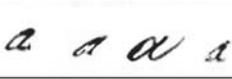
Uma análise mais atenta das características do traçado grafemático, prin-
cipalmente, dos Ms 1, de 1722, e Ms 2, de 1822, com cem anos de diferença
de tempo de produção entre si, identifica o Ms 1 com similares do início do
século XVIII e o Ms 2 com outros de princípios do século XIX, este sem
apresentar o rebuscamento das letras daquele, marcado por escrita muito pró-
xima da atual.⁹

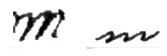
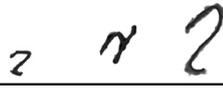
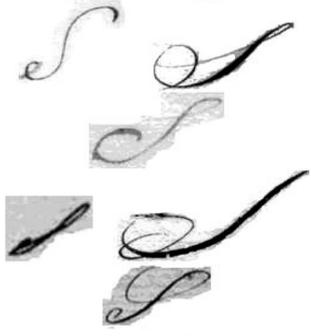
3.4. Traçado das letras – o alfabeto

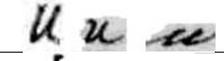
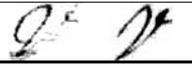
As letras maiúsculas relacionadas a seguir ocorrem, em geral, em início
ou às vezes no meio de frase, em topônimos e antropônimos ou nomes
designadores de certos cargos civis e militares como *Alferes*, *Presidente* e
Capitão, dentre outros.

⁹ Cf. Andrade (2007, p. 73-308).

Os grafemas maiúsculos e minúsculos, retirados do *corpus* em análise, são reproduzidos a seguir, em ordem alfabética, apenas a título de amostragem, não sendo considerada a posição inicial, medial ou final de vocábulo.

| Maiúsculas | Minúsculas | Transcrição |
|---|--|-------------|
|  |  | A - a |
|  |  | B - b |
|  |  | C - c |
|  |  | D - d |
|  |  | E - e |
|  |  | F - f |
|  |  | G - g |
|  |  | H - h |
|  |  | I - i |
|  |  | J - j |

| | | |
|---|---|------------|
|  |  | <p>L-l</p> |
|  |  | <p>M-m</p> |
|  |  | <p>N-n</p> |
| <p>Não registrada nos Ms's</p> |  | <p>O-o</p> |
|  |  | <p>P-p</p> |
|  |  | <p>Q-q</p> |
|  |  | <p>R-r</p> |
|  |  | <p>S-s</p> |
|  |  | <p>T-t</p> |

| | | |
|---|--|-------|
| Não registrada nos Ms's |  | U – u |
|  |  | V – v |
| Não registrada nos Ms's |  | X – x |
| Não registrada nos Ms's |  | Y – y |
| Não registrada nos Ms's |  | Z – z |

3.5. Abreviaturas (sistema braquigráfico)

Acioli (2003, p. 45-48) afirma que houve, às vezes, um uso excessivo de abreviaturas “em razão da variedade e conseqüentemente do custo elevado do material da escrita”, o que muito provavelmente não seja o caso dos manuscritos em análise.

Os manuscritos Ms 1 e Ms 2 possuem abreviaturas de vários tipos, utilizadas por hábito ou convenção, para imprimir maior velocidade ao texto, dada a sua recorrência e previsibilidade, dentre outros motivos. Aliás, seu uso, como convenção em determinados tipos de texto, permanece até os dias atuais.

O desenvolvimento das abreviaturas, como feito nas edições semidiplomáticas dos manuscritos sob análise – Transcrições 1 e 2 –, visa facilitar a leitura dos documentos, tendo-se recorrido, para tanto, a Flexor (1991).

Essas abreviaturas são classificadas por Spina (1977, p. 44-49) como:¹⁰

- a) sigla – representação da palavra pela letra inicial;
- b) síncope – supressão de elementos gráficos no meio da palavra com letra(s) sobreposta(s);
- c) numeral inicial com letra(s) sobreposta(s);
- d) apócope – supressão de letra(s) ao final do vocábulo.

Serão apresentadas a seguir, por amostragem, o mais amplamente possível, as abreviaturas encontradas nos manuscritos citados em edições fac-similar e diplomática – sem desenvolvimento –, e semidiplomática – com desenvolvimento –, usando-se para tanto o recurso dos caracteres itálicos

¹⁰ Os Ms 1 e Ms 2 não registram abreviaturas de numeral inicial com letra(s) sobreposta(s), nem apócope “supressão de letra(s) ao final do vocábulo.

para a explicitação do(s) elemento(s) suprimido(s), de acordo com a classificação anteriormente mencionada.

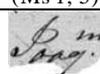
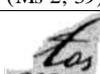
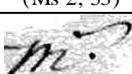
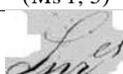
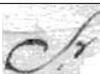
3.5.1. Abreviaturas por sigla¹¹

| | | |
|---|----|--------|
|  (Ms 1, 7) | q | que |
|  (Ms 1, 3) | S. | Senhor |
|  (Ms 2, 36) | S. | São |
|  (Ms 2, 4) | V. | Vossas |

3.5.2. Síncope com letra(s) sobreposta(s)

| | | |
|---|------|-----------------|
|  (Ms 1, 19) | A.º | Amigo |
|  (Ms 1, 3) | am.º | amigo |
|  (Ms 1, 17) | an.º | annos |
|  (Ms 1, 10) | d.º | dito |
|  (Ms 1, 21) | Ex.º | Excellentissimo |

¹¹ O número entre parênteses abaixo da abreviatura indicará a linha de sua ocorrência nos manuscritos.

| | | |
|---|---------------------|------------------|
|  (Ms 1, 1) | Ex. ^{mos} | Excellentissimos |
|  (Ms 2, 4) | Ex. ^{as} | Excellencias |
|  (Ms 1, 17) | g ^{de} | garde |
|  (Ms 2, 1) | Ill. ^{mos} | Illustrissimos |
|  (Ms 1, 5) | Ianr. ^o | Ianeiro |
|  (Ms 2, 39) | Ioaq ^m | Ioaquim |
|  (Ms 2, 33) | m. ^{tos} | muitos |
|  (Ms 1, 17) | m. ^s | muitos |
|  (Ms 1, 5) | n. ^{al} | natural |
|  (Ms 2, 1) | Snr. ^{es} | Senhores |
|  (Ms 1, 21) | S. ^r | Senhor |
|  (Ms 1, 13) | V. ^a | Villa |

3.6. Sinais estigmológicos

3.6.1. Sinais de pontuação

A propósito de sinais estigmológicos, vale recorrer a Gonçalves (2003), citada na seção 3.2., que, em extenso trabalho sobre a ortografia da língua portuguesa no período de 1734 a 1911, se refere muito apropriadamente à tríade de pilares ortográficos: *etimologia*, *fonética* e *uso* que, completada pela *analogia*, está na base da construção dos sistemas gráficos pertencentes à tradição em que se posiciona a língua portuguesa.

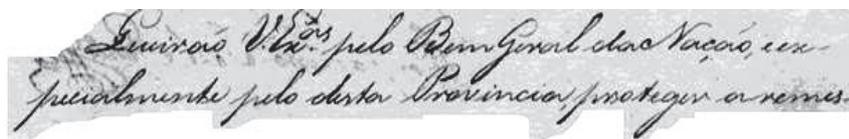
De Madureira Feijó a Gonçalves Viana, entre 1734 e 1911, diversas e significativas contribuições aos estudos ortográficos podem dar suporte a uma descrição mais aprofundada de aspectos ortográficos dos Ms 1 e Ms 2 em estudo no presente trabalho.

Entretanto, o que se pretende fazer a seguir é apenas uma listagem com exemplos extraídos do *corpus* em que ocorrem vírgula, ponto parágrafo ou final, ponto-e-vírgula e outros sinais.¹²

a) Vírgula:



Meu amço, e meuSenhor muito do meu co-/ração. (Ms 1, 3-4)¹³



Queirão Vossas Excellencias pelo Bem Geral daNação, e especialmente pelo desta Provincia, proteger a remes- (Ms 2, 24-25)

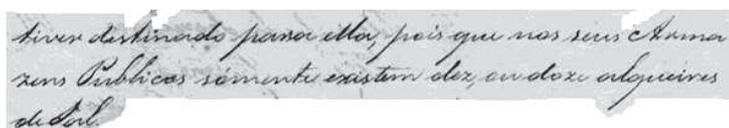
¹² Acioli (2003, p. 53) assegura que a vírgula chamava-se *Koma*, no grego, assim como no espanhol atual, e *incisum*, no latim. Já o ponto parágrafo ou final é *Kolon*, para o grego, e *membraum*, para o latim. Ver, a esse respeito, Gonçalves (2003, p. 601-652).

¹³ O travessão oblíquo (/) na transcrição indicará a mudança de linha no manuscrito.

b) Ponto parágrafo ou final:



Meu amigo, e meu Senhor muito do meu coração. Para essa capitania fogio hum SalvadorCar- (Ms 1, 3-4).



[...] tiver destinado para ella pois que no seus Arma-/zens Publicos sómente existem dez, ou doze alqueires/de Sal. (Ms 2, 21-23)

c) Ponto-e-vírgula:

O ponto-e-vírgula deve representar uma pausa, maior do que a da vírgula e menor do que a do ponto final. O escriba, entretanto, nos excertos seguintes, parece tê-lo usado de maneira inadequada, quando, em seu lugar, deveria ter usado a vírgula.



[...] e aleuou furtada; e como eu dezejo [...] (Ms 1, 9)



[...] expeci-/almente o Sal, de que tanto se carece; por isso agora [...] (Ms 2, 15-16).

d) Outros sinais de pontuação:

Além dos tipos de pontuação anteriormente elencados e exemplificados, presentes nos manuscritos, observou-se a presença do travessão duplo entre ponto (.) e til (~), como em:



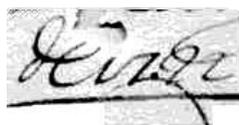
do Governo 9 de Novembro de 1822
Cuiabá, Palacio

[...] Cuiabá, Palacio/do Governo 9 de Novembro de 1822 /~. (Ms 2, 33-34)

3.7. Arabescos

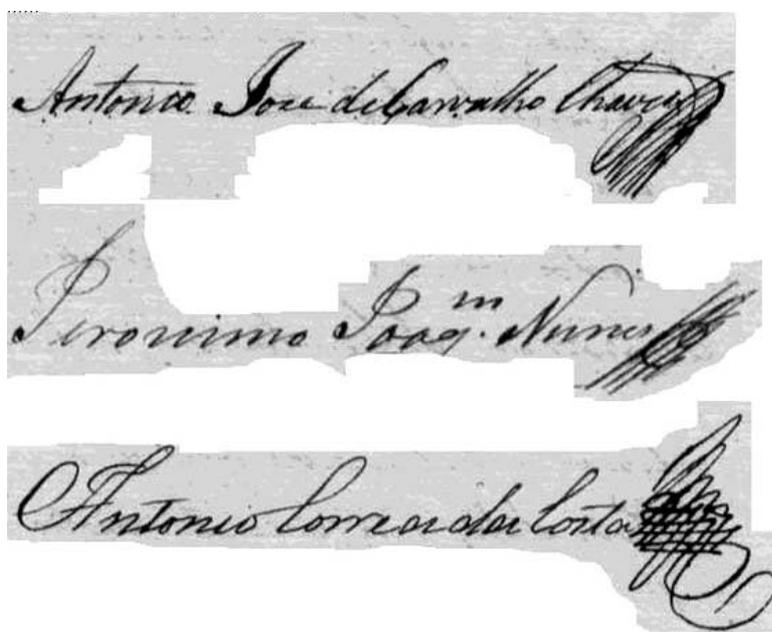
Descritos como recurso ornamental para ilustrar final de texto, parágrafo ou assinatura, os seguintes arabescos foram detectados nos documentos em estudo:

Ms 1, fólho 1 r (18)¹⁴



Luz

Ms 2, fólho 1v (37, 39, 41 e 45)



Antonio Jose de Carvalho Chaves
Proximo daq. Anno
Antonio Correa da Costa

¹⁴ As consoantes minúsculas r e v indicam “recto” e “verso”, respectivamente, do fólho.

A close-up photograph of a handwritten name in cursive script. The text reads "Constantino José Pontes". The ink is dark on a light-colored paper background.

3.8. Divisão silábica

A divisão silábica em final de linha ocorre por hifens simples (–), como nos excertos:

A photograph of a handwritten line of text in cursive script. The text is "Para essa capitania fogio hum SalvadorCardozo Leytam (...)". There is a hyphen between "Cardozo" and "Leytam" at the end of the line.

Para essa capitania fogio hum SalvadorCardozo Leytam (...) (Ms 1, 4-5).

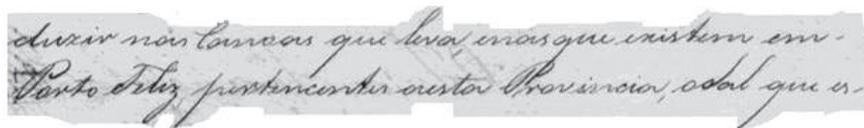
A photograph of a handwritten line of text in cursive script. The text is "nem dado providencias para que aquelle sobredito Alferes". There is a hyphen between "sobredito" and "Alferes" at the end of the line.

[...] nem dado providencias para que aquelle sobredito Alferes [...] Ms 2, 14-15)

Além das situações anteriormente descritas, em que o amanuense demonstra conhecimento quanto aos procedimentos de divisão silábica, chamam a atenção as ocorrências seguintes:

A photograph of a handwritten line of text in cursive script. The text is "mandamos o Capitão Sabino José de Mello com a necessaria Tripolação". There is a hyphen between "com a" and "necessaria" at the end of the line.

[...] mandamos o Capitão Sabino José de Mello com a necessaria Tripolação [...] (Ms 2, 17-18)



duzir nas Canoas que leva, enas que existem em -
Porto Feliz, pertencentes aesta Província, oSal que es- (Ms 2, 19-20)

Esses dois excertos, em que registra-se o sinal (-) ao final da linha, evidenciam, provavelmente, não o processo de divisão silábica dos demais anteriores, mas a sinalização do não estabelecimento de fronteira de palavra, fato detectado em outras circunstâncias, no mesmo documento, como em: estaJunta (Ms 2, 4); deMato Grosso (Ms 2, 5); eque (Ms 2, 9); aVossas Excelencias (Ms 2, 12); aomesmo (Ms 2, 13); aosobredito (Ms 2, 28) e deNovembro (Ms 2, 34).

3.9. Paragrafação

Os parágrafos são, em geral, muito longos, o que dificulta de certa maneira a compreensão do texto. O Ms 1 apresenta um único parágrafo, com 16 linhas. Por sua vez, o Ms 2, três parágrafos: o primeiro, longo, com 20 linhas, o segundo, menor, com 8 linhas, e o terceiro com 2 linhas.¹⁵

3.10. Sinais de acentuação

Assim como o poligrafismo foi uma das características da língua portuguesa escrita, também o uso de diacríticos reforça a avaliação de que o escriba, ou copista, encontrava-se muitas vezes indeciso quanto a que decisão tomar.

No caso dos diacríticos, Santiago-Almeida (2003, p. 75-83), analisando manuscritos setecentistas quanto aos grafemas vocálicos e consonantais e os diacríticos, observou que os acentos agudo (´) e circunflexo (^)

podem assumir o valor fônico com que atualmente empregariamos apenas o agudo: para marcarmos a tonicidade das vogais ou o timbre aberto das vogais mediais. Dentre as ocorrências temos: ora *Cuyabá, já, mandará, Jozé e só*, ora *Cuyabá, já, mandará, Jozé e só*.

¹⁵ A propósito de paragrafação, consultar Dahlet (2006, p. 290-292).

Naquele estágio da escrita, continua, a preocupação principal “não era a de assinalar graficamente a tonicidade ou o timbre das vogais, como fazemos hoje”, mas a de “assinalar a quantidade da vogal”.

Assim, citando Bacellar (1783, p. 36-37), refere-se à existência de três acentos indicando que a vogal é longuíssima ou aguda (´), breve (˘) e longa ou circunflexa (^).

Por sua vez, Acioli (2003, p. 54) assegura que os acentos circunflexo e agudo indicavam a sílaba tônica. O acento agudo tem indicado também a crase, em algumas situações, além de vir como um apóstrofo após a sílaba tônica.

Nos manuscritos citados estão presentes os seguintes diacríticos:¹⁶

a) ~ (**til**), como sinal de nasalização de vogais, como em:

[...] muito do meu **co-/raçaõ**. (Ms 1, 3-4)

[...] solicitando/a **Protecçaõ** de *Vossas Excelencias* [...] (Ms 2, 6-7)

[...] **naõ** só para abreviada do regreso [...] (Ms 2, 29)

b) ,(cedilha) sotoposta ao **c** antes de **a** e **o**, para indicar fonema /s/, como em:

[...] vos **peço** encarecidamente deis [...] (Ms1, 11)

[...] vos **peço ofaçaes** [...] (Ms 1, 15)

[...] tendo-se encarregado **aconducçaõ** [...] (Ms 2, 10)

[...] pelo Bem Geral da**Naçaõ** [...] (Ms 2, 24)

c) ´ (**agudo**)

[...] *natural* do Rio de Ianeiro **homé** de meya/idade [...] (Ms 1, 5-6)¹⁷

[...] eLeuou consigo **huá** negra [...] (Ms 1, 6)

[...] pertencentes aesta **Provincia** [...] (Ms 2, 20)

[...] **naõ só** para abreviada [...] (Ms 2, 29)

Cuiabá, Palacio/do Governo [...] (Ms 2, 33-34)

4. Conclusão

Os estudos paleográficos aqui realizados procuraram atribuir aos manuscritos Ms 1, de 28.11.1722, e Ms 2, de 28.11.1822, a fidedignidade necessá-

¹⁶ Ver, a propósito, Acioli (2003, p. 53-54).

¹⁷ Chama a atenção o acento agudo (´) em **homé** e **huá** (Ms 1, 05-06) que, possivelmente, apesar da forma, seja o til (~), sinal de nasalização.

ria, através dos vários aspectos da ciência paleográfica abordados, utilizando-se, para tanto, como suporte, as edições fac-similar e semidiplomática, conforme estabelecido por Spina (1977, p. 77-79), Azevedo Filho (1987, p. 29-31), Cambraia (2005, p. 91-103), entre outros.

Assim, a edição fac-similar constitui-se pela reprodução mecânica ou fotográfica do documento, ao passo que a edição semidiplomática representa uma tentativa de melhoramento do texto como, no presente artigo, pelo desdobramento das abreviaturas e transcrição tipográfica, contudo, sem o estabelecimento das fronteiras de palavras, mantendo-se as linhas, os diacríticos, a pontuação e demais características paleográficas da maneira mais fielmente possível ao manuscrito, buscando-se o mais baixo grau de mediação possível do editor no documento.

Mesmo assim, diferentemente da edição fac-similar, em que o grau de mediação é zero, a edição semidiplomática representa uma “forma de interpretação do original, pois elimina as dificuldades de natureza paleográfica suscitadas pela escritura [...]”, na conceituação de Spina (1977, p. 77-79).¹⁸

Além disso, optou-se pela disposição das edições fac-similar e semidiplomática, de forma justalinear, de maneira a facilitar o seu cotejo.

Por fim, vale destacar que estudos paleográficos, como os aqui efetuados, visam à preparação dos documentos – Ms 1 e Ms 2 –, para eventuais estudos lingüísticos, dado o cuidado quanto à preservação do máximo de características dos originais manuscritos, devendo-se ressaltar que, para isso, “ir às fontes”, nas palavras de Megale (1998, p. 21), é decisivo.

Bibliografia

- ACIOLI, V. L. C. (2003) *A escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana.
- ANDRADE, E. A. de (2007a) *Estudo paleográfico e codicológico de manuscritos dos séculos XVIII e XIX: edições fac-similar e semidiplomática*. São Paulo Tese (Doutorado) “Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- _____. (2007b) Aspectos da sintaxe em manuscritos modernos. In: *Revista Philologus/Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*. Ano 13, n° 37, jan/abr. 2007. Rio de Janeiro: CIFEFil, ISSN 1413-6457.
- AZEVEDO FILHO, L. A. de (1987) *Iniciação à crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença/Edusp.
- BACELLAR, B. de L. e M. (1783) *Grammatica philosophica e orthografica racional da língua portuguesa*. Lisboa: Oficina de Simão Thadeo Ferreira.
- BECK, I. (1985) *Manual de Conservação de documentos*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/Ministério da Justiça.

¹⁸ Cf. Andrade (2007a, p. 69 e 2007b, p. 66).

- BLANCO, R. R. (1987) *Estudos paleográficos*. São Paulo: Laserprint.
- CAMBRAIA, C. N. (2005) *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes.
- COUTINHO, I. de L. (1976) *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- _____. (1981). *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- DAHLET, V. (2006) A pontuação e as culturas da escrita. In: *Revista Filologia e lingüística portuguesa*, nº 8. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, ISSN 1517-4530.
- DIAS, M. M.; BIVAR, V. dos S. B. (2005) Paleografia para o período colonial. In: *Paleografia e fontes do período colonial brasileiro*. Estudos CEDHAL, Nova Série nº 11. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, p. 11-38.
- FLEXOR, M. H. O. (1991) *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP/Edições do Arquivo do Estado de São Paulo.
- GONÇALVES, M. F. (2003) *As idéias ortográficas em Portugal e pronunciar com acerto a Língua Portuguesa: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734 – 1911)*. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, MCES.
- HIGOUNET, C. (2003) *História concisa da escrita*. [Tradução da 13ª ed. corrigida Marcos Marcionilo]. São Paulo: Parábola.
- MEGALE, H. (1998) Pesquisa filológica: os trabalhos da tradição e os novos trabalhos em língua portuguesa. In: *Estudos Lingüísticos XXVII*. São José do Rio Preto: Unesp/ IBILCE, p. 3-28.
- SAMARA, E. de M. (2005) Fontes coloniais. In: *Paleografia e fontes do período colonial brasileiro*. Estudos CEDHAL, Nova Série nº 11. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, p. 39-85.
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. (2000) *Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil (Manuscritos da época das Bandeiras, século XVIII)*. São Paulo. Tese (Doutorado) “ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- _____. (2003) Grafemas e diacríticos em manuscritos setecentistas. In: *Sobre o retorno à filologia, diacronia e outros estudos*. Rio de Janeiro: CiFEFil, v. 10, p. 75-83.
- SERRÃO, J. (1971) *Dicionário de História de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Iniciativas Editoriais.
- SPAGGIARI, B.; PERUGI, M. (2004) *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- SPINA, S. (1977) *Introdução à edítica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix/ Edusp.

ABSTRACT: This article presents philological studies of manuscript documents – Ms1, written in Vila Rica-MG, on November 28, 1722 and Ms 2, written in Cuiabá-MT, on November 09, 1822, concerning their paleographic aspects with the support of semi-diplomatic and fac-similar editions.

KEYWORDS: Portuguese language; philology; paleography; edition.